

Sonho de uma noite de verão

Mrs. Dalloway, de Virginia Woolf

Madalena disse que ela mesma ia comprar as flores.

Afinal, era ridículo pedir à mãe que o fizesse. Não só porque era demasiado velha para isso ou porque ela ia com certeza insistir num ramo de rosas vermelhas ou mesmo porque parecia mal pagá-las com a mesma mão que compra um buquê para uma campa, mas simplesmente porque não se oferece flores compradas por outra pessoa. Isto é ridículo, dizia a rapariga para si própria ao entrar na florista. Ridículo, completamente supérfluo e arcaico, machista até, oferecer flores a uma mulher. Minha flor! - teria chamado algum homem à mulher séculos atrás, porque era isso que ela era para ele — bonita, frágil e descartável, apenas uma num milhão. Se algum dia alguém me oferecer flores, jurara ela há anos, acabou-se. Mas, bem (aproximava-se das orquídeas brancas), há coisas piores a que se pode comparar uma mulher.

Saiu para a rua com uma pequena fortuna em lírios roxos, para o fim de tarde que há poucos meses seria já noite cerrada, e encheu-se-lhe a alma ao sentir a brisa nos ombros e a calçada irregular por baixo da sola dos sapatos. Conseguia ouvir gargalhadas e copos de cerveja da esplanada na rua de baixo, o relato do jogo pela janela aberta de uma casa, uma cigarra a cantar ao longe - e o que podia ela querer mais? Em momentos como este, sentia que tinha desvendado os mistérios da humanidade. Toda a existência do Universo culminara na sua capacidade de apreciar o mundo naquele momento e, se morresse ali, morria feliz. Mas então olhou para baixo, para a criação de Hera, a inveja de Afrodite, e de repente quis tanto mais! Não pretendendo tirar aos lírios o valor que lhes é devido, a verdade é que esta súbita ânsia por algo maior não se devia unicamente à beleza das flores, mas sim, como desde o início dos tempos fora e como sempre haveria de ser, a uma mulher.

Desde que ouvira sobre a festa, naquela mesma manhã, debatia-se sobre se havia de ir ou ficar em casa a arrepender-se de não ter ido. Há que ser dito, no entanto, que a decisão tinha sido tomada no mesmo instante em que a pergunta surgira. De que outro modo poderia ser? Sim, é verdade que é de bastante mau tom aparecer onde quer que seja sem se ser convidada e tinha sido inconveniente conduzir durante duas horas e pedir à mãe que a deixasse passar a noite no seu antigo quarto, que agora pelos vistos era uma sala de arrumos onde mal cabia um colchão insuflável; mas o que era tudo isso comparado com a imagem de Raquel num dos seus vestidos de verão, a flutuar por entre as pessoas com uma cerveja na mão e um sorriso pronto para quem quer que elogiasse a

comida, a música, as cadeiras, a noite,...?

— Raquel — murmurou de si para consigo o nome da rapariga que tinha tomado conta das suas memórias de verões passados, sinónimo da estação, a musa dos seus melhores (e piores) poemas, aquela que a tinha trocado por um tipo qualquer a fazer um mestrado em ciências políticas. Esse era o maior desgosto da sua vida, ter sido trocada por um desalmado daqueles. Um insensível que, perante aquele início de noite (as ruas já não lhe eram tão familiares como julgava e andava a deambular há já meia hora sem querer perguntar a ninguém onde era a casa da dona Mariana, aquela onde a sobrinha estava a dar uma festa; não queria ainda revelar o seu segredo), não concederia mais do que um olhar de esguelha e um “até está bom, o tempo.”

Sentou-se num banco por baixo de um limoeiro. Não era o mesmo onde as duas se costumavam sentar a trocar segredos de madrugada, mas podia fingir que sim. Tenho medo de ser uma tonta. - confessou às folhas. Então e se ela for feliz assim? Não, não pode ser, de maneira nenhuma! A Raquel, a *sua* Raquel que uma vez lhe tinha sussurrado ao ouvido, a meio do almoço, enquanto lhe passava a travessa das batatas, *como um lírio entre os espinhos — assim é a minha amada entre as mulheres*, feliz com um homem que dizia que não gostava de poesia porque não tinha *propósito*? De entre todas as coisas, logo o propósito... A ti é que te falta propósito!, dissera-lhe na altura e Raquel não falou mais com ela.

Olhou para as flores no seu regaço, quanto tempo levariam a murchar? Alguns anos, se o universo ainda tiver algum senso de romance. Tinha acabado de se pôr de pé, inspirada pelo vento que passou e lhe indicou o caminho, quando ouviu o seu nome ser chamado do outro lado da rua.

— Oh, por amor de Deus... — É só pensar no Diabo que ele aparece. — Como estás Ricardo? Há quanto tempo!

— Blá blá blá trabalho blá blá bom tempo blá blá blá!

Ele trazia um ramo de rosas nas mãos. Aquela guerra estava acabada antes mesmo de começar e ele nunca tinha tido hipótese alguma.

Como alguém que acaba de receber confirmação divina de que todas as suas preces foram atendidas, assim caminhou Madalena por entre as ruas onde ela e Raquel tinham crescido, tão cheia de si que o pobre coitado ao seu lado até achou que tinha sido a sua graça acerca dos bons velhos tempos que a tinha deixado de bom humor. Esta é a rua onde a beijei pela primeira vez, pensava consigo, e ali está o parque onde ficávamos a ler de manhã! O caminho que vai dar à ribeira, tantas madrugadas que lá passaram sem ninguém saber, antes de voltarem para casa em bicos dos pés, a tremer de frio e com a roupa ainda molhada.

Ela vai gostar de te ver, dizia-lhe ele enquanto dobravam a esquina, o muro

pintado de amarelo já ao fundo da rua. Ah, se tu soubesses o quanto! E, a cada passo, os seus lírios ficavam mais vivos — as pétalas mais perfumadas, o violeta mais intenso. E as rosas dele só murchavam. Já quase não tinham pétalas, será que ele não via? Claro que não, qual seria o *propósito* nisso? Já se ouvia a música por entre risos e conversas, as garrafas de cerveja a chocarem, um copo ou dois a irem parar ao chão, quando algo a fez parar e abrir a boca sem saber bem o que ia de lá sair.

— Como é que ela está? — Se a fazes feliz, se chora nos teus braços, arrependida por me ter deixado. Se se lembra de mim. Se *tu* és feliz. Porque no final do dia (um dia tão bonito como aquele!), Madalena não o odiava, eram dois atletas, na mesma pista, a correrem na mesma direção.

— Radiante.

Deixou-o entrar primeiro e demorou-se a fechar o portão atrás de si enquanto ele avançava pelo quintal adentro, apertando mãos e dando palmadinhas nas costas. Devia ter usado toda a sua criatividade para encontrar aquela palavra, mas, à sua maneira — sem drama e sem poesia —, ele também a amava. E Madalena sabia disso, sempre soubera; ficaria mais surpreendida se assim não fosse. Era simplesmente, humanamente impossível a qualquer um que tivesse coração resistir a Raquel. O coração palpitava-lhe só de pensar no momento em que ela olharia para si com aqueles olhos castanhos amendoados, abertos em surpresa. Que pensaria ela? Mesmo depois de anos sem a ver, só a memória da sua voz deixava-lhe as bochechas coradas e podia ficar noites inteiras acordada a pensar em todas as coisas que lhe queria dizer.

Não tinha dado nem dois passos quando a viu. Estava feito. O mundo deu um solavanco e continuou a girar. Por uma vez na vida, Madalena calou-se e parou, inteiramente à mercê da mulher que estacara à sua frente com uma garrafa de vinho na mão e uma mancha vermelha no vestido branco que lhe deixava os ombros e os joelhos descobertos - e a única coisa que conseguiu sentir foi pena. Pena de todos os pintores e escultores e poetas que tinham morrido, ou ainda estavam por nascer, e por isso perderam a oportunidade de representar aquele momento que comoveria espectadores ao longo de séculos, inspiraria grandes homens, daria início a guerras. Agora já não lhe importava se Raquel a escolhia a ela ou a Ricardo, nunca tinha importado, vê-la aqui, em todo o seu esplendor, era suficiente. É este o propósito da poesia, Ricardo, dizia ela ao homem que algures no fundo do quintal tentava abrir uma cerveja com os dentes, olhar para uma mulher e pensar que ela é a lua que começa a brilhar no céu que escurece pouco a pouco, que é as flores que se traz nas mãos e aquela brisa que passa e nos lembra que estamos vivos.

— Vieste! — disse ela, como se sempre tivesse sabido. — E trouxe-me lírios. Ainda são os teus preferidos? - perguntou, ou pelo menos tentou, com o coração a tentar saltar-lhe pela boca. De qualquer modo, Raquel percebeu.

— Não são tão conceituados como as rosas, mas há qualquer coisa neles...

— Combinam com uma noite de verão, não achas?

— Sim... Sim, acho que combinam.